

EM KUATIA REI QUE VALE MAIS DO QUE DINHEIRO: A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DO CONTO *EL TRUENO ENTRE LAS HOJAS* DE AUGUSTO ROA BASTOS

Antonio Rediver Guizzo¹
Leidy Janina Recalde Godoy²

RESUMO

Neste artigo, nosso objetivo é analisar as relações sociais representadas no conto *El trueno entre las hojas*, de Augusto Roa Bastos, partindo de aportes teóricos do materialismo dialético de Karl Marx. O conto narra a instalação de um engenho e a exploração e violência contra a população, obrigada a trabalhar no cultivo da cana e produção do açúcar. Observamos o diálogo entre o conto de Roa Bastos e conceitos fundamentais da obra marxista – a exploração econômica, o trabalho, a alienação, o ideal de luta de classes –; assim como, a linguagem como meio de exploração e, igualmente, de resistência social.

Palavras-chave: literatura paraguaia, exploração econômica, materialismo histórico.

Introdução

Há algum tempo, Silvio Santos apresentava uma série de programa de auditório no qual os participantes que completassem determinadas provas e/ou acertassem determinadas perguntas recebiam certa quantia monetária. No entanto, o pagamento, conforme o

¹ Professor doutor na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: antoniodredguizzo@gmail.com.

² Discente do Curso de Letras Artes e Mediação Cultural (LAMC); Bolsista de Iniciação Científica da Fundação Araucária. E-mail: leidy.godoy@aluno.unila.edu.br.

“bordão” do apresentador, não era realizado em dinheiro, mas o correspondente ao valor do prêmio “em barras de ouro, que valem mais do que dinheiro”.

Embora possamos imaginar diversas situações nas quais a opção em receber determinada importância econômica em barras de ouro seja racionalmente menos prática que o mesmo valor em moeda corrente (tais como, onde armazenar, onde vender, o perigo de ser assaltado, entre outras), a construção simbólica do valor do ouro em nosso imaginário não deixa de ser consideravelmente positiva, e a ideia de receber ouro, como pagamento, muito atraente.

Marx denominou de alienação essa inversão entre aparência e essência, e observou que a exploração do trabalhador não pode ser centrada apenas na força coerciva, seja institucional ou não, pois aqueles que estão sob o jugo dos exploradores se rebelariam contra o sistema. Dessa forma, para que a condição de exploração perdure, é necessária a construção de uma superestrutura que convença os explorados da naturalidade da exploração por meio da ocultação das reais relações sociais. Marx denominou-a de estruturas de dominação ideológica. As estruturas de dominação ideológica seriam responsáveis em ocultar as reais relações sociais e convencer os que não detêm os meios de produção da naturalidade (e necessidade) da exploração.

No conto de Augusto Roa Bastos, observamos uma construção narrativa que se orienta, em um primeiro momento, na construção das estruturas de dominação ideológicas e, em um segundo momento, no esfacelamento dessas mesmas estruturas e consequente revolta popular.

O título escolhido para o artigo, *Em kuation rei que vale mais do que dinheiro: a construção simbólica do conto El trueno entre las hojas de Augusto Roa Bastos*, remete-se a uma das estratégias utilizadas pelo primeiro proprietário do engenho de Tebikuary-Costa para incrementar seus lucros e explorar a força de trabalho dos habitantes do local – pagar seus salários em ações ao portador que valeriam mais do que dinheiro em espécie, mas que, na prática, de nada valiam; ações que foram denominadas de *kuation rei* (papel sem valor em guarani) pelos trabalhadores locais.

Dessa forma, neste artigo, pretendemos analisar o conto *El trueno entre las hojas* (1953) de Augusto Roa Bastos a partir de conceitos do materialismo histórico de Marx,

observando a exploração econômica e a dominação cultural representadas no conto e o sistema jurídico-político que as legitimam, assim como, a resistência da comunidade ao explorador estrangeiro.

El trueno entre las hojas e o pensamento marxista

Augusto Roa Bastos é um dos mais importantes escritores paraguaios da contemporaneidade. Nasceu em *Asunción* em 1917, no entanto, viveu no interior do durante a infância e adolescência, e retornou à capital do país na juventude, onde inicia a carreira como escritor e jornalista. Devido ao trabalho como jornalista durante a ditadura paraguaia, foi exilado pelo governo, vivendo na Argentina a partir de 1947 e, posteriormente, na França a partir de 1976.

No entanto, mesmo vítima da repressão política, o autor não abandonou a luta pela soberania e pela democracia em seu país. A literatura engajada do autor retratou o universo de exploração vivido pelos mais pobres de seu país. Sob a ótica do pensamento marxista, denunciou, de forma contundente e contínua, as injustiças, misérias e exploração das populações do interior do Paraguai.

Augusto Roa Bastos ganhou o *Prêmio Nacional de Literatura* (1995), *Prêmio Miguel de Cervantes* (1989), *Premio de las Letras Memorial de la America Latina* (1988) entre outros, pela sua obra literária, na qual se destacam os títulos, *Hijo de hombre* (1960), *Yo el supremo* (1974), *El trueno entre las hojas* (1953) e *El ruiseñor de la Aurora* (1942). O autor faleceu em 2005, aos 87 anos, consagrado como um dos maiores autores da literatura paraguaia de todos os tempos.

El trueno entre las hojas é uma obra que reúne 17 contos breves e trágicos que tematizam as condições de opressão e sofrimento impostas a comunidades que vivem em regiões rurais do Paraguai. A obra retrata um cenário de exploração circular, no qual os exploradores são constantemente substituídos, mas a situação degradante dos explorados permanece.

A epígrafe da obra *El trueno entre las hojas*, extraída de lendas indígenas, conforme observa Antonio Carmona (2014), pode ser interpretada como uma representação de Roa

Bastos do círculo de exploração vivido pelas comunidades do interior do Paraguai, no qual a violência repercute por meio da exploração capitalista, que se alimenta da terra e dos que nela habitam e relega as sobras a estes últimos; círculo que se amplia e representa, igualmente, a história da humanidade – “El trueno cae y se queda entre las hojas. Los animales comen las hojas y se ponen violentos. Los hombres comen los animales y se ponen violentos. La tierra se come a los hombres y empieza a rugir contra el trueno” (2014, p.8).

Neste artigo, apenas um conto da obra *El trueno entre las hojas* é analisado. O conto possui o mesmo nome do livro e, na estrutura interna da coletânea, funciona como ponto de contato (espécie de resumo) entre as demais narrativas. Diversos personagens e cenários que aparecem como protagonistas em outros contos da obra reaparecem na composição mais abrangente do conto “El trueno entre las hojas”.

No conto, é narrada a instalação de um engenho de açúcar na zona rural do Paraguai e a decorrente exploração e violência sofrida pelos moradores da região. O primeiro dono do engenho foi Simón Bonavi, um comerciante estrangeiro, descendente de judeus e espanhóis, de baixa estatura e “con gestos tiernos y blandas miradas azules” (2014, p. 74), que persuadiu os campesinos a construir e, posteriormente, trabalhar no engenho de açúcar, recebendo, como pagamento, “ações ao portador” que, na realidade, não tinham valor nenhum; por isso, logo foram chamadas de *kuatia rei* (papel sem valor) pelos moradores locais.

Sob o comando de Simón Bonavi, trabalhava Eulogio Penayo, mulato gigantesco que, por meio da repressão pela violência, “convencia” os habitantes locais que não se dobravam ao poder persuasivo de Bonavi a trabalhar no engenho. Depois da primeira safra, Bonavi deixou o engenho sob a responsabilidade do engenheiro alemão Forkel e do mulato Penayo.

O alemão Forkel, depois da partida de Simón Bonavi, trouxe de Asunción para o engenho sua esposa. A mulher de Forkel era a versão feminina do mulato Eulogio Penayo, fria e com apetites sexuais insaciáveis – “Llegó montada a lo hombre y con traje de amazona: botas negras, casaca y pantalón azules, sombrero de paño encasquetado sobre el cabello teñido de indefinible color” (p. 76).

A mulher de Forkel foi apelidada pelos campesinos, primeiramente, de “Bringa” – forma como os nativos pronunciavam a palavra “gringa” – e, posteriormente, de “Vaca Ñarõ”, que significa vaca brava em guarani, porque coagia os homens, por meio de ofertas em dinheiro ou ameaças de perder o emprego, a manterem relações sexuais com ela.

Por meio da violência física, Forkel e Penayo instalam um verdadeiro regime de terror no engenho. No entanto, o comando do alemão dura pouco. Penayo é misteriosamente morto e Forkel é despedido quando Bonavi regressa ao engenho.

As injustiças, no entanto, continuam. Simón Bonavi, observando que o sistema de exploração exercido no engenho levaria inevitavelmente à revolta dos trabalhadores, vende-o para Harry Way, americano de Virginia, ex-plantador de algodão,

que había venido al Paraguay como hubiera podido irse a las junglas del África. En lugar de cazar fieras o buscar diamantes, había caído a cazar hombres que tuviesen enterrados em sus carnes los diamantes infinitamente más valiosos del sudor (BASTOS, 2014, p. 81),

a quem os habitantes de Tebikuary-Costa chamam de Guey-Pyta, boi vermelho em guarani.

Harry Way, acompanhado de três “guarda-costas” de aspecto sombrio, revela-se um patrão muito mais cruel que os anteriores. Açoitamentos e assassinatos de trabalhadores se sucedem sem nenhuma piedade.

A partir desse momento, ganha relevância no enredo o personagem-herói da narrativa, Solano Rojas, que acompanhou a exploração e violência sofrida pela comunidade desde a instalação do engenho.

O personagem de Solano Rojas demonstra, desde a primeira vez que entre na fábrica, desconfiança e, posteriormente, revolta contra as condições às quais era submetido o povo de Tebikuary-Costa. No entanto, a consciência revolucionária do personagem é consolidada pela influencia do pensamento revolucionário marxista de Gabriel.

Gabriel, empregado em outro engenho de açúcar da mesma região, esteve no engenho de Tebikuary-Costa por um curto período de tempo, oportunidade na qual intentou

mobilizar os trabalhadores locais a organizarem uma paralização, a fim de exigir melhores condições de trabalho e pagamento.

Solano pretendia continuar a mobilização iniciada por Gabriel, no entanto, a intenção é delatada a Harry Way, e o patrão ordena que “Llévenlo al poste. Y dugo con él” (2014, p. 89). Solano, como exemplo aos demais, é açoitado impiedosamente – “ciento y diez guachazos” (2014, p. 90). Os companheiros de engenho imaginaram que Solano estivesse morto quando foi deixado pelos capangas de Harry Way, amarrado inconsciente ao tronco, enquanto se reuniam para beber e se divertir com as mulheres. Entretanto, Solano ainda estava vivo, e foi salvo pelos carpincheros, indígenas que viviam na região, e por uma linda jovem de origem europeia que vivia entre os índios.

Ao recuperar-se das chibatadas, Solano volta à fábrica e vê um grupo de trabalhadores, que haviam se rebelado contra Harry Way, cercado pelos capangas do patrão e prestes a serem mortos. Solano, com a ajuda dos carpincheros, consegue derrotar os capangas, salva os trabalhadores, queima a Ogaguazu, casa da qual o americano comandava o engenho, e mata Harry Way, o Guey-Pyta.

Após a morte de Harry Way, os habitantes começaram a tocar sozinho o engenho em perfeita harmonia. Porém, o governo interviu e retirou o domínio do engenho da população local. Na ocasião, Solano e outros trabalhadores que opuseram resistência às tropas do governo foram presos.

Depois de quinze anos no cárcere, Solano regressa à Tebikuary-Costa. No entanto, encontrava-se cego, devido aos maus tratos sofridos na prisão. Em sua volta, Solano encontrou o povo organizado, livre da escravidão, trabalhando no engenho e sendo pagos pelo trabalho. Em melhores condições, mas, ainda assim, explorados na produção do açúcar.

Os carpincheros ajudaram-no a construir uma pequena embarcação, com a qual levava, sem cobrar nada, a população de um lado ao outro do rio Tebikuary, às margens do qual ficava a fábrica. Um viajante lhe presenteou com um acordeão.

Solano converte-se em uma voz de liderança, “El rancho del pasero de Yasy-mõrõti era el verdadeiro sindicato de los trabajadores del azúcar em esa región”(2014, p. 66). Os responsáveis pelo engenho chamavam a casa de Solano de “sindicado karapé”.

Depois de alguns anos, Solano morre. No imaginário da população local, Solano converteu-se em uma alma que rondava o engenho nas noites em que ameaçam as tempestades, tocando seu acordeão e cantando a melancolia do amor nunca concretizado pela bela jovem que ajudara os carpincheros a salvá-lo depois dos capangas de Harry Way quase o matarem. A essa misteriosa mulher, chamava de Yasy-Mõrõti, lua branca em guarani.

Como podemos observar, o conto “El trueno entre las horas” de Roa Bastos representa a exploração das populações do interior do Paraguai, e é marcado pelo ideal marxista de luta de classes. A seguir, trabalhamos alguns conceitos marxistas que influenciaram a construção simbólica da obra.

A noção de trabalho em *El trueno entre las hojas*

A palavra trabalho, etimologicamente, provém do termo latino *tripalium* (literalmente, três paus), que possui, quanto à origem, dois significados: a) instrumento feito de três paus com o qual os agricultores batiam o trigo e as espigas de milho a fim de tirar os grãos; e b) segundo Silva (2011), instrumento/técnica de tortura romana que consistia em três paus fincados no chão em forma de pirâmide, aos quais era preso o condenado (ou empalado até a morte em apenas um deles).

Silva (2011) ainda aponta que, na narrativa bíblica, o trabalho tornou-se sinônimo de condenação como pena imposta a Adão e Eva por terem comido do fruto proibido. No entanto, para a tradução em latim do texto bíblico, conforme o autor, optou-se pela palavra *labor*, a fim de evitar os vínculos da palavra com o instrumento/prática de tortura, mas manteve-se a noção de sofrimento na narrativa bíblica.

E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirão; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás. (Gn. 3, 17-19)

Na antiguidade grega, o trabalho era entendido como atividade daqueles que perderam a liberdade, isto é, os escravos; tanto que a palavra utilizada para designar o trabalho era *poenos*, que faz referência a esforço físico e a imposição de uma penalidade, jamais visto como possível fonte de riqueza (WOLECK, 2005).

Woleck também observa que é durante reforma protestante que o trabalho passa a ser visto como positivo, instrumento de salvação e forma de realizar a vontade divina, sendo o Calvinismo que transforma o trabalho em instrumento de aquisição de riquezas no pensamento cristão. No entanto, a condenação do ócio e a sacralização do trabalho ocorrem efetivamente, no século XVIII, com a ascensão da burguesia e desenvolvimento dos modos de produção capitalistas; porém, cabe ressaltar o plano ideológico da valoração do trabalho como meio de produção de riquezas àqueles que detinham os meios de produção, e a maneira como o trabalho tornou-se atividade compulsiva e incessante que perpassa todas as esferas da existência humana, ressalta o autor.

É a partir da construção teórica marxista sobre as formas de produção, exploração e alienação do trabalhador do século XVIII que Roa Bastos elabora sua narrativa. Para Marx, a atividade principal e mais importante do homem é o trabalho, condição necessária para a origem e manutenção da trajetória humana; ademais, o trabalho não é apenas uma utilização dos recursos naturais pelo homem, mas transformação consciente e intencional da própria natureza. (IRISONI, 2015, p. 59).

Em *El trueno entre las hojas*, diferentes concepções de trabalho perpassam a perspectiva dos camponeses de Tebikuary-Costa. Primeiramente, antes da exploração na produção de açúcar, havia uma vida em maior harmonia com a natureza e distante do ritmo temporal imposto pelo trabalho capitalista; momento que, em contraposição com a realidade posterior, é caracterizada como livre, recuperando o sentido suscitado inicialmente do trabalho enquanto elemento contrário à liberdade do homem –

Antes de establecerse la primera fábrica de azúcar en Tebikuary-Costa, la mayor parte de sus pobladores se hallaba disseminada en las montuosas riberas del río. Vivían en estado semi salvaje [...] pero por lo menos vivían en libertad. (BASTOS, 2014, p.68)

Posteriormente, a vida dos camponeses é transformada com a chegada do engenho de açúcar, e várias fases compõem essa transformação e sua relação com a noção de trabalho. O primeiro contato com a possibilidade de trabalhar no engenho se constitui positivamente, sendo o trabalho percebido como forma de conseguir melhores condições de vida – “al principio estos se alegraron por que veían surgir la posibilidad de un trabajo estable. (p.71). Aproveitando-se da disponibilidade inicial dos trabalhadores, o engenho foi construído e posto a funcionar por Simón Bonavi.

Em um segundo momento, inicia-se o processo de exploração do trabalho, no qual eram submetidos a longas jornadas de trabalho e pagos com “ações ao portador” que, em realidade, eram papel sem valor nenhum – “El trabajo no era entonces una cosa buena o alegre. El trabajo era entonces una maldición y habría que soportarlo como una maldición” (p.72).

O terceiro momento ocorre após a tomada do engenho pelos trabalhadores e morte de Harry Way, neste período, os trabalhadores formaram uma comissão administrativa e recomeçaram a safra da cana de açúcar por conta própria, trabalhando dia e noite sem descanso, com a ajuda inclusive dos velhos, das crianças e das mulheres, mas realizando suas tarefas com prazer, porque percebiam naquela situação o trabalho como algo positivo e realizado em um ambiente de fraternidade – “Lo hacian com gusto, porque al fin sabían, sentían que el trabajo es una cosa buena y alegre cuando no lo mancha el miedo ni el ódio. El trabajo hecho em amistad y camaradería” (p. 97). No entanto, na mesma semana que haviam começado a trabalhar por conta própria, certo dia o engenho amanheceu cercado por dois esquadrões de soldados enviados pelo governo para reintegrar a posse da propriedade, provavelmente, aos herdeiros de Harry Way; no conflito muitos trabalhadores foram feridos e presos, entre eles Solano.

Em um quarto momento, quando recomeçam os trabalhos do engenho depois da retomada da fábrica pelos soldados do governo, os trabalhadores não são mais submetidos a um regime de escravidão e castigos físicos, mas encontram-se na condição de trabalhadores assalariados – “el régimen de vida y trabajo más humano que se había implantado en él ; la gradual extinción del temor y de la degradación em la gente, la consciência cada vez más clara de su condición y su fraternidad” (p. 66). Neste momento, as reivindicações dos

trabalhadores já eram consideradas pelos empregadores, e havia-se estabelecido uma espécie de sindicato na moradia de Solano Rojas; entretanto, o sistema de exploração capitalista do trabalhador já era inevitável na comunidade, visto que suas vidas haviam sido transformadas depois da chegada do engenho, sendo impossível o retorno à situação original da comunidade.

A alienação do trabalhador e os meios de produção em *El trueno entre las hojas*

Nesta seção, relacionamos o conceito marxista de alienação à obra de Roa Bastos e, para tal fim, destacamos alguns dos pontos fundamentais do pensamento de Marx que contribuem à constituição da estrutura sócia simbólica de *El trueno entre las hojas*.

Para Marx, a estrutura social divide-se em dois níveis: a infraestrutura (base econômica) e a superestrutura (estrutura política, jurídica e ideológica); e os elementos constitutivos da infraestrutura que determinam a superestrutura social. Desta forma, o pressuposto básico do materialismo histórico é que a realidade social é determinada por suas bases materiais (para Marx, fundamentalmente, as relações de produção), e as contradições entre as condições reais de existência instituídas pelas relações de produção que determinam a história.

O motor da dialética materialista é a forma determinada das condições de trabalho, isto é, das condições de produção e reprodução da existência social dos homens, forma que é sempre determinada por uma contradição interna, isto é, pela luta de classes ou pelo antagonismo entre proprietários das condições de trabalho e não proprietários (servos, escravos, trabalhadores assalariados). (CHAUÍ, 1980, p. 21)

As classes sociais, por sua vez, são resultado da instauração e legitimação da propriedade por meio das instituições sociais, culturais e políticas; propriedade que acarreta na divisão dos homens entre aqueles que possuem os meios de produção e aqueles que vendem sua força de trabalho. Para Marx, o modo de produção capitalista estabelece de tal forma essa divisão entre proprietários dos meios de produção e trabalhadores, que o trabalhador acaba por não se reconhecer mais no produto de seu trabalho, assim como, a mercadoria ganha autonomia em relação ao trabalhador e às relações sociais que

permitiram sua existência, valendo por si mesma (importância medida pela sua utilidade e valor de troca), sendo esse o sentido do conceito marxista de alienação do trabalho.

No engenho de Tebikuary-Costa, por exemplo, os envolvidos no sistema de produção do açúcar podem ser divididos em três classes sociais: a) a classe alta – os proprietários do engenho (Harry Way e Simón Bonavi); b) a classe média – os capatazes e os capangas (que garantem, por meio da força não institucionalizada, o sistema de exploração) e os soldados do governo (que garantem, por meio da força institucionalizada, o sistema de exploração); c) a classe baixa – os trabalhadores locais pagos (que trabalham em funções de apoio à produção, tais como, transporte e fiscalização) e os camponeses (que efetivamente trabalhavam na produção, sem receber pagamento, mas apenas “vales” que servem somente para adquirir mercadorias vendidas pelos proprietários do engenho – “tomaban sus vales y se iban al almacén de la proveeduría que chupaba sus jornales a cambio de provistas y ropas diez o veinte veces más caras que su valor real (p. 72).

Nessa estrutura social, os camponeses são de tal forma explorados que não têm acesso à mercadoria (açúcar) produto de sua força de trabalho: “En el primer momento se dieron un atracón. Después tuvieron que comerlo a escondidas, a riesgo de pagar un puñito com diez latigazos del mulato” (p. 74). E assim, o açúcar produzido pelo engenho ganha tal autonomia em relação aos trabalhadores que seu valor constitui-se independentemente das relações de produção. Ademais, o sistema exploratório é tão perverso, que o açúcar não é visto pelo trabalhador como produto do trabalho, mas como símbolo do sofrimento dos trabalhadores, sendo que, quanto mais puro era, maior sofrimento representava aos camponeses –

El azúcar del Buey-Rojo³ seguía siendo blanco. Más blanco todavía que antes, más brillante y más Dulce, arena Dulce empapada en lágrimas amargas, con sus cristalitos de escarcha rociados de luna, de sudor, de fuego blanco, de blanco de ojos triturados por la pena blanca del azúcar (BASTOS, 2014, p. 87).

³Boi-vermelho, forma que os camponeses nomeavam a um dos donos do engenho, devido ao seu comportamento desagradável e violento.

No materialismo histórico, Marx também aponta para o fato de o trabalhador passar a existir como mercadoria, valendo não pela condição humana, mas pela força de trabalho que é capaz de despende na produção da mercadoria, tornando-se uma coisa. No engenho de Tebikuary-Costa, observamos o ápice da dimensão da reificação do trabalhador quando Harry Way, ao adquirir a propriedade do engenho de Simón Bonavi, também adquire os trabalhadores do engenho – “le dijo el virginiano y le pago al contado el importe de la transacción que incluía la fauna, la flora y los hombres de Tebikuary-Costa” (p. 82). Como também, em Tebikuary-Costa, soma-se à condição de mercadoria do trabalhador a exploração sexual dos camponeses, tanto os homens quanto as mulheres: as mulheres servindo aos proprietários, capatazes e capangas– “Allí arrastraba por las noches a las mujeres que quería gozar en sus antojos lúbricos” (p. 75),

Ahora había em la Ogaguasú veinti cinco machos cabríos. Necesitaban desfogarse y se desfogaban a las buenas o las malas [...] El Buey-Rojo desfloraba a las nuevas y las pasaba a sus hombres, cuando se cansaba de ellas (p. 88)

–; os homens, à mulher de Max Forkel, administrador de Simón Bonavi –

Los mandaba llamar y se hacía cubrir por ellos con dádivas o bajo amenazas [...] Y los que no querían transigir eran achados de la fábrica. El dilema, sin embargo, era terrible: o las bubas de la Bringa o el hambre y la persecución (p. 76).

Assim, observamos que o modo de produção exploratório que constitui, na obra de Roa Bastos, a divisão das classes de acordo com a função exercida por cada membro na produção do açúcar. E a alienação do trabalhador é decorrente desse sistema de produção que impossibilita o acesso do trabalhador ao fruto do trabalho, como também, autonomiza o açúcar, que vale enquanto mercadoria em si, independentemente das relações de produção.

A luta de classes e a linguagem como forma de constituir as identidades em *El trueno entre las hojas*

Para o materialismo histórico, a produção econômica (infraestrutura) determina a estrutura social, política e intelectual de cada época, e o motor que promove as mudanças na infraestrutura é a luta de classes, decorrente das contradições surgidas no seio da produção econômica. As classes, no decorrer do confronto, tendem a dividir-se em dois polos: de um lado, o proletariado, expropriado dos meios de produção e obrigado a vender sua força de trabalho, de outro, os burgueses, proprietários dos meios de produção, que auferem seus lucros da exploração da classe proletária. Essa divisão origina um processo crescente desconcentração do poder econômico e das superestruturas socioculturais nas mãos da minoria burguesa e, conseqüentemente, no empobrecimento progressivo da maioria proletária. Marx, em carta a Weydemeyer (1852), sugere que a luta de classes conduzia necessariamente à Ditadura do Proletariado, estágio de transição rumo à abolição de todas as classes e a uma sociedade sem classes. A estrutura do conto *El trueno entre las hojas*, conforme observamos detalhadamente abaixo, apresenta elementos que dialogam profundamente com as afirmações marxistas sobre a dialética entre as forças produtivas e as relações de produção.

No conto de Roa Bastos, a formação das classes pode ser apresentada em quatro momentos diferentes:

a) Antes da instalação do engenho em Tebikuary-Costa, quando não havia uma divisão social quanto ao trabalho –

Vivían en estado semiselvaje de la caza, de la pesca, de sus rudimentarios cultivos, pero por lo menos vivían en libertad, de su próprio esfuerzo, sin muchas dificultades y necesidades. Vivían y morían insensiblemente como los venados, como las plantas, como las estaciones” (BASTOS, 2014, p. 68),

entretanto, havia a divisão entre carpincheros e campesinos – os carpincheros, subgrupo social nômade originado da miscigenação entre os campesinos e as tribos originárias, sobreviventes da desagregação cultural, que subsistem da caça e da pesca, e os campesinos, subgrupo social que vivia às margens do rio, subsistindo da caça, da pesca e de formas precárias de cultivo da terra;

b) Após a instalação do engenho, quando se inicia a divisão das classes fundada nas diferentes funções exercidas na produção, os camponeses foram organizados em *cuadrilleros* (responsáveis por verificar as cargas), *carreros* (responsáveis pelo transporte da cana-de-açúcar das lavouras até a fábrica), *peones* (responsáveis pelo trabalho manual no interior da fábrica), *capangas* (camponeses de outros lugares responsáveis pela coação física dos *plantadores*) e *plantadores* (responsáveis pelo cultivo da cana-de-açúcar) – os *cuadrilleros*, os *peones* e os *carreros*, possuíam um cargo e trabalhavam com horários determinados e sob ordem direta dos proprietários, os *plantadores*, ao contrário, eram coagidos a trabalharem exaustivamente e sem remuneração pelos *peones* e *capangas*, e quando não aceitavam as condições impostas, eram submetidos a castigos físicos;

c) Depois da tomada do engenho pelos camponeses, quando ainda subsistia a divisão social anterior, mas sem agressão e a presença dos *capangas* –

Formaron una comisión de administración em la que se incluyo a los técnicos. Y cada uno se alineó em lo suyo; los peones em la fábrica, los plantadores em los plantios, los hacheros em el monte, los carreros em los carros, los cuadrilleros em los caminos.” (BASTOS, 2014, p. 97),

e o engenho tornara-se lugar de homens livres, unidos por laços de fraternidade, “no lugar de torturas y de injusticias bestiales” (p. 97);

d) Posteriormente à retomada do engenho pelo governo, quando se cristaliza definitivamente na sociedade de Tebikuary-Costa a divisão estabelecida a partir das funções exercidas pelos camponeses que, embora assegurado o direito à remuneração e sem coação física, recebiam salários baixos e a exploração do trabalho pelos grandes proprietários era evidente.

Desse modo, a sociedade representada no primeiro momento cronológico do conto é substituída por uma divisão social orientada pelas relações de produção, e a classe trabalhadora é explorada até o momento em que uma revolução violenta expropria os representantes da classe dominadora.

Entretanto, a expropriação do engenho não representa sua destruição nem o regresso da classe dos trabalhadores ao estado original “natural”. Inclusive, não se depreende da intenção do autor a ideia de retorno a um momento “ideal” de civilização; mas a intenção de denunciar o sistema de exploração capitalista enraizado no Paraguai. Ademais, a imposição de uma cultura sobre a outra é irreversível, como no caso dos habitantes de Tebikuary-Costaque não foram apenas submetidos a um sistema econômico de dominação, mas também a um complexo sistema de estruturação simbólica da realidade, que transformou definitivamente a comunidade. E Roa Bastos é consciente da mecânica desses processos de transformação, aos quais os países latino-americanos foram impostos desde o início da colonização. Conforme Bernstein:

El acceso a los sistemas simbólicos, el control, la orientación y el cambio de tales sistemas están gobernados por las relaciones de poder que se inscriben en la estructura de clases. No es solo el capital, en el sentido estrictamente económico, el que está sometido a la apropiación, manipulación y explotación, sino también el capital cultural, entendido como el conjunto de sistemas simbólicos que permiten al hombre extender y cambiar los límites de su experiencia. (1971, p. 03)

Assim, submetidos à outra ordem simbólica, organizam-se autonomamente na linha de produção do engenho. Mas a autonomia perdura por pouco tempo, as forças do governo reestabelecem a propriedade do engenho, e os moradores de Tebikuary-Costa. E é esse movimento no enredo do conto que comparamos a estrutura da teoria marxista; com exceção da retomada do engenho pelo Estado, situação que serve de metáfora para a crítica que o autor apresenta sobre a realidade da população pobre do Paraguai, imersa em ciclos ininterruptos de exploração social, “autorizados” pelo próprio sistema jurídico-político do Estado.

A linguagem enquanto forma de constituir a identidade em *El trueno entre lashojas*

O Paraguai é um país oficialmente bilíngue, isto é, são consideradas línguas oficiais o Guaraní e o Espanhol. Nas práticas sociais cotidianas das cidades, a população

normalmente se comunica na língua espanhola em situações e lugares que demandam maior formalidade nas relações, tais como escola, lugares públicos, trabalho, relações interpessoais mais distantes; já no trato com os familiares e pessoas mais íntimas com as quais há relações afetivas e de confiança, fala-se guarani ou jopara (mescla entre os idiomas guarani e espanhol).

Nas práticas sociais das comunidades localizadas do interior, a relação com os idiomas é um pouco diferente. O guarani é a primeira língua aprendida, enquanto o espanhol é ensinado nas escolas.

A causa provável das diferenças linguísticas entre zona urbana e zona rural, quanto à predominância do idioma utilizado, é a falta de assistência do governo, principalmente educacional, nas áreas rurais. A consequência desse cenário é a diferença de prestígio com que cada língua é representada no imaginário dos falantes. O espanhol é considerado uma língua culta, urbana, utilizada por pessoas com maior nível cultural e em regiões onde é visível o maior desenvolvimento econômico e condições melhores de vida. O guarani, por sua vez, é considerado como a voz das mãos trabalhadoras e da população com baixo nível econômico.

Por isso que, Roa Bastos, na composição do conto “El trueno entre las hojas” representa a diferença entre as classes sociais por meio do idioma. No entanto, como o autor necessita conjugar a representação da linguagem da classe explorada e a preocupação com a compreensão do conto pelos leitores hispano-falantes que não falam guarani, ele opta pela castelhanização do guarani e pela guaranização do espanhol, ressaltando o jopara.

Desse modo, no plano linguístico do conto, representa-se um conflito constante entre um sistema de escrita tradicional e um idioma que precisou ser transposto ao papel mesmo sendo predominantemente oral. Roa Bastos escreve a narração em espanhol e deixa que o guarani surja apenas nos diálogos entre os personagens de Tebikuary-Costa (CASTELLS, 2008).

Como resultado, a expressão dos personagens é marcada pela mescla de um guarani muito diferente da língua nativa que havia entrado em contato com o espanhol há quatro séculos e um espanhol muito distinto do espanhol escolarizado e utilizado nas comunidades citadinas. Roa Bastos põe nos lábios dos personagens um guarani castelhanizado até o

ponto de garantir a compreensão (ao menos contextual e/ou global) dos leitores e, no sentido oposto, quando os personagens vão expressar-se em espanhol, apresenta um espanhol guaranizado, igualmente, até o limite da compreensão– “E`toko`è” pura saliva de loro maracaná. No se duerman que lomita” (BASTOS, 2014, p. 80).

Roa Bastos também representa na fala dos estrangeiros essa mescla linguística entre os idiomas (entre o alemão e o espanhol ou entre o inglês e o espanhol), acrescentando, dessa vez, recursos linguísticos que representem também o sotaque e as dificuldades de pronúncia dos personagens estrangeiros – “Mi ha comprado esta fábrica y he venido paga hacelo trabaca.” (p.83); “La carcajada de Harry Way apedreo a los peones. ¡Ja...já...ja...! ¡juelguistas! Mi enseñar paga ustedes a ser mansitos como ovejas ¡Migueneso!” (p.85).

Além disso, a utilização do idioma guarani por Roa Bastos, na economia interna da obra, funciona como elemento de resistência contra a dominação sociocultural exercida pelo capital estrangeiro. A língua guarani é o meio utilizado para ofender e apelidar os estrangeiros donos do engenho, assim como, estratégia linguística para evitar que os proprietários e capangas saibam o que os campesinos estão falando entre si – “La Bringa fue entonces la Vaca Brava. -¡vacá ñaro..., vaca cose..., vaca pochy!” (p.76); “¡Guey-Pyta!... -¡Mba`epochy tepyno!... -tekaka!... -piii-pii...puuuu...!” (p.93)⁴.

Quanto à resistência do guarani, Felix de Guaranía observa que a história do Paraguai é uma história de dominação e resistência e acrescenta que

El Paraguay, como otros países que fueron ‘conquistados’ y colonizados, ha sido objeto de flertes arrebatos culturales. Que nuestro pueblo mantenga su lengua, es un fenómeno que demuestra nuestra lucha constante y sostenida de resistencia cultural (GUARANIA, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴“¡Guey-Pyta!... - ¡Mba`epochy tepyno!... - tekaka!... -piii-pii...puuuu...!” pode ser traduzido como “Boi-Vermelho!... Coisa Furiosa!... -merda!... -piii-pii...puuuu...!”. A expressão “piii-pii...puuuu...!” é um grito que representa o ato de dar risada, como o “kkkkkkk” utilizado pelos internautas, por exemplo.

Augusto Roa Bastos retrata em suas obras a luta pela soberania e pela democracia no Paraguai, principalmente as consequências dessa luta na vida das comunidades mais pobres e afastadas das grandes cidades. Nesse artigo, observamos que a denúncia das injustiças, misérias e exploração das populações do interior presente na literatura engajada de Roa Bastos pode ser interpretada a partir de um diálogo com pressupostos que orientam o materialismo histórico de Karl Marx.

Nessa perspectiva, o conto “El trueno entre las hojas” representa um círculo de exploração no qual o capitalismo alimenta-se vorazmente da terra e dos que nela habitam, no qual o doce do açúcar produzido pelo engenho de Tebikuary-Costa contrasta com o amargo da vida daqueles que têm sua força de trabalho usurpada por aqueles que detêm o capital econômico, no qual nenhuma ação é capaz de colocar um ponto final no ciclo exploratório, mas apenas alteram-se os atores e os meios que garantem a exploração.

Também observamos no artigo que a coerção física e a violência são o último recurso empregado pelo sistema de dominação capitalista representado por Roa Bastos, como também exposto na teoria marxista. A dominação sempre inicia pela via ideológica. Simón Bonavi, primeiro proprietário do engenho, tenta convencer aos trabalhadores que o pagamento em “ações ao portador” seria muito mais rentável no futuro do que o pagamento em dinheiro. No entanto, em pouco tempo os vales dados por Simón Bonavi ganham o apelido de *kuatia rei* (papel sem valor) pelos moradores locais, apontando a falha na construção de um discurso que sustentasse ideologicamente o sistema exploratório, o qual passa a depender da violência.

E essa dominação violenta do corpo do trabalhador extrapola a dimensão laboral. Além do trabalho, o sexo também se torna uma imposição aos explorados – violência que agride principalmente as mulheres, mas que também acomete os homens, obrigados a saciar os desejos da mulher do engenheiro alemão.

Por fim, observamos a constituição de uma “luta de classes” no engenho de Tebikuary-Costa, na qual o personagem Solano Rojas transforma-se no herói da narrativa, primeiramente exercendo um papel ativo na tomada do engenho, depois ocupando uma posição importante na deliberação das ações da comunidade e, por fim, transformando-se em um elemento mítico após sua morte. Nessa luta, destacamos também o papel da

linguagem como forma de resistência e de constituição da identidade dos moradores de Tebikuary-Costa.

Referências

BASTOS, Augusto Roa. *Cuentos Selectos*. Asunción: Servilibros, 2014.

BERNSTEIN, Basil. *Clases sociales, lenguaje y socialización*. Trad: Mario Díaz. In: *Class, codes and control: theoretical studies towards Sociology of Language*. London: Routledge & Kegan Paul, 1971. Disponível em <<http://www.infoamerica.org/>>. Acesso em 10 mai 2015.

CARMONA, Antonio. *El trueno y el follaje feroz de la violencia*. In: BASTOS, Augusto Roa. *Cuentos Selectos*. Asunción: Servilibros, 2014.

CASTELLS, Mario. *La problemática clase-ideología/ideología-clase en El trueno de las horas de Augusto Roa Bastos*. In: VIII ENCUESTRO “ARTE, CREACION E IDENTIDAD EM AMÉRICA-LATINA”. Rosário. Anais... Rosário, Argentina: UNR, 2008. p. 1-7. Disponível em <http://paraguay.sociales.uba.ar/files/2011/07/Castells_01.pdf>. Acesso em 20 mai 2015.

GUARANIA, Felix. *El idioma guarani como resistencia e identidad: entrevista*. In: *Revista Cabildo*, Boletín oficial del centro cultural de La republica el cabildo, Año 1, N. 2, Set, 2008. Disponível em <http://www.portalguarani.com/391_felix_de_guarania/8640_el_idioma_guarani_como_resistencia_e_identidad_cultural_entrevista_a_felix_de_guarania.html>. Acesso em 26Jul2015.

GÊNESIS. In: A BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Paulinas, 2002.

IRISONI, Emilia. *Los conceptos de hombre y trabajo en Karl Marx y Jean Sastre*. In: *Revista Cifra*. Disponível em <<http://fhu.unse.edu.ar/carreras/rcifra/emiliaisorni.pdf>>. Acesso em 29 mai 2015.

MARX, Karl. *Carta a Joseph Weydemeyer*, 5 de Março de 1852. Disponível em <<http://www.scientific-socialism.de/FundamentosCartasMarxEngels050352.htm>>. Acesso em 08 mai 2015.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. Maria Helena Barreiro Alves; revisão de Carlos Roberto F. Nogueira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SILVA, Deonísio da. O trabalho histórico. In: *Revista Língua Portuguesa*. Dez. 2011. Disponível em <<http://revistalingua.com.br/textos/67/artigo249103-1.asp>>. Acesso em 25 mai. 2015.

WOLECK, Aimoré. *O trabalho, A ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica*. Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2005. Disponível em <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev01-05.pdf>>. Acesso em 25 mai. 2015. (apostila).

EN KUATIA REI QUE VALE MÁS QUE EL DINERO: LA CONSTRUCCIÓN SIMBÓLICA DEL CUENTO *EL TRUENO ENTRE LAS HOJAS DE AUGUSTO ROA BASTOS*

RESUMEN

En este artículo, nuestro objetivo es analizar las relaciones sociales representadas en el cuento *El trueno entre las hojas* de Augusto Roa Bastos partiendo de aportes teóricos del materialismo dialéctico de Karl Marx. El cuento narra la instalación de una fábrica, y la explotación y violencia sufrida por la población, obligada a trabajar en la producción de azúcar. Observamos el diálogo entre el cuento de Augusto Roa Bastos y conceptos fundamentales de la obra marxista – la explotación económica, el trabajo, la alienación, la lucha de clases –; como también, el lenguaje como medio de explotación social y de resistencia.

Palabras-clave: Augusto Roa Bastos, literatura paraguaya, explotación económica, materialismo histórico.

Recebido em 21/01/2016.

Aprovado em 19/05/2016.